



A EXPERIÊNCIA DO DASEIN EM 2020: UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICO- EXISTENCIAL

Dasein's experience in 2020: a phenomenological-existential reflection

LUCIANA FERNANDES DE MEDEIROS*
EMANUEL MOREIRA DA SILVA**

Experiencia de Dasein en 2020: una reflexión fenomenológica-existencial

Resumo: O Dasein está sempre em relação, no sentido de que se ocupa com o mundo fático e se preocupa, se relacionando consigo, com seus modos de ser e com os outros. Em 2020, o Dasein se deparou com a pandemia de COVID-19 e experienciou o distanciamento social e os medos advindos da pandemia. Esse trabalho objetivou compreender a experiência do Dasein em relação à pandemia durante o ano de 2020, numa perspectiva fenomenológica-existencial. Mais especificamente, delinear as mudanças no cotidiano vivenciadas pelo Dasein, bem como apontar as implicações dessas mudanças nas parcerias afetivas. Foram realizadas entrevistas On-line com 09 mulheres e 03 homens, entre 20 e 54 anos, de classe média. Constatou-se que o ano de 2020 foi experienciado como quebra da rotina e desorganização em suas existências. Houve também uma experiência de “interiorização”, no sentido de parar por um tempo e refletir sobre si. Alguns participantes se sentiram mais próximos dos seus companheiros, enquanto outros, romperam a relação. Foi difícil a adaptação ao trabalho/estudo remoto. Houve relato de ansiedade e tristeza. Apesar das dificuldades enfrentadas, os participantes conseguiram reorganizar sua rotina diante das circunstâncias do mundo fático se ocupando com o trabalho e com os aspectos materiais da existência.

Palavras-chave: Dasein; Fenomenologia-existencial; Pandemia; Experiência.

Abstract: Dasein is always in relationship, in the sense that it is concerned with the factual world and is concerned, relating to itself, to its ways of being and to others. By 2020, Dasein came across the COVID-19 pandemic and experienced social distancing and fears from the pandemic. We sought to understand the experience of the Dasein in relation to the pandemic during the year 2020 in a phenomenological-existential perspective. More specifically, outline the changes in daily life experienced by Dasein, as well as point out the implications of these changes in affective partnerships. For this, online interviews were conducted with 09 women and 03 men, between 20 and 54, middle class. Many of the participants reported a break in routine and disorganization. There was an experience of “internalization” in the sense of stopping for a while and reflecting on you. Some participants felt closer to their companions, while others broke the relationship. It was difficult to adapt to remote work/study. There was also a report of anxiety and sadness at times. Despite the difficulties faced, the participants were able to reorganize their routine in the circumstances of the factual world deal with work and the material aspects of existence.

Keywords: Dasein; Phenomenological-existential; Pandemic; Experience.

Resumen: El Dasein está siempre en relación, en el sentido de que se ocupa con el mundo fático y se preocupa, relacionándose consigo mismo, con sus modos de ser y con los demás. Para 2020, Dasein se encontró con la pandemia COVID-19 y experimentó distanciamiento social y temores de la pandemia. Buscamos comprender la experiencia del existente en relación a la pandemia durante el año 2020 en una perspectiva fenomenológico-existencial. Más específicamente, describe los cambios en la vida diaria experimentada por Dasein, así como las implicaciones en las relaciones afectivas. Se realizaron entrevistas en línea con 09 mujeres y 03 hombres, entre 20 y 54 años, clase media. Se encontró que muchos de los participantes reportaron una ruptura en la rutina y desorganización en sus vidas. Hubo una experiencia de “internalización” en el sentido de detenerse por un tiempo y reflexionar sobre ti. Algunos participantes se sintieron más cerca de sus compañeros, mientras que otros rompieron la relación. Fue difícil adaptarse al trabajo/estudio remoto. Hubo un informe de ansiedad y tristeza. A pesar de las dificultades que enfrentan, los participantes pudieron reorganizar su rutina en el mundo fático ocupándose con el trabajo y los aspectos materiales de la existencia.

Palabras-clave: Dasein; Fenomenologia-existencial; Pandemia; Experiencia.

* Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi (FACISA)/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Email: lumedeirospsi@hotmail.com / lucianamedeirosufrn@gmail.com. Orcid: 0000-0002-6754-7217

** Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi (FACISA)/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Email: emanuel.moreira.018@ufrn.edu.br. Orcid: 0000-0003-3229-6638



Introdução

As reflexões fenomenológicas propostas por Martin Heidegger (1889-1976) são de significativa importância para a análise e compreensão da existência, entendida como *Dasein* ou Ser-aí, ou ainda, existente. No parágrafo 12, de “Ser e Tempo”, Heidegger (1927-2015), aponta que a existência “é um sendo, que em seu ser relaciona-se com esse ser numa compreensão” (p.98). Dessa forma, Heidegger (1927-2015) inaugura uma fenomenologia hermenêutica, ou seja, uma perspectiva filosófica preocupada em compreender os sentidos de ser para além dos posicionamentos prévios constituídos no mundo fático.

Dartigues (2008), citando Heidegger (2008), afirma que o *Dasein* é um ente privilegiado, pois este é o único capaz de questionar a si mesmo e o seu ser-no-mundo. Nesse sentido, o *Dasein* é lançado no mundo, que já está posto, sempre em um caráter de abertura, em que só pode ser, sendo.

O estar lançado pertence à constituição de ser da presença como constitutivo de sua abertura. Nele desvela-se que a presença já é sempre minha e isso num mundo determinado e junto a um âmbito determinado de entes intramundanos determinados. A abertura é, em sua essência, fática (Heidegger, 2015, p.292).

O *Dasein* está sempre em relação consigo e com os outros, no mundo. Assim, o *Dasein* é cuidado (*Sorge*), sendo os modos de cuidado, a ocupação (*Besorgen*) e a preocupação (*Fürsorgen*). Estes são modos de absorção no mundo fático posto que traz para o *Dasein* uma sensação de segurança e uma certa ilusão de estabilidade da existência. Assim, o *Dasein* se ocupa com os utensílios do mundo fático e, se preocupa, se relacionando consigo, com seus modos de ser e com os outros.

A absorção no mundo fático traz uma certa inautenticidade, um viver no modo impróprio e a restrição da abertura para o poder-ser que lhe é mais próprio. O rompimento com a rotina da inautenticidade só ocorre perante alguns existenciais como o tédio e a angústia. Na angústia, o *Dasein* é obrigado a encarar-se como ser-no-mundo, um ente responsável pela própria existência e com capacidade de projetar-se para as possibilidades. Para Heidegger (2005), a angústia pode ser um momento de despertar do *Dasein*, embora também possa ser uma experiência perturbadora. Isso porque, além de separar o existente do seu cotidiano, que erroneamente acredita ser a existência em si, coloca-o diante de sua finitude. Já o tédio pode ser a experiência de que se tem tempo demais, como afirma Casanova (2021a). Dessa maneira, o existente não vê sentido nas coisas, não consegue se ocupar como dantes e pode haver um certo obscurecimento em seu caráter de abertura.

Assim, a ideia de morte, que antes estava afastada pela inautenticidade do cotidiano, agora se mostra presente como a possibilidade mais própria do ser. Para os autores supracitados, a consciência da morte, ou o que Heidegger (2005) chama de Ser-para-a-morte, dá ao *Dasein* uma perspectiva sobre a existência tendo que aceitar sua mortalidade e a responsabilidade de escolher suas possibilidades. Assim, em dados momentos, o existente pode se deparar com a angústia ou com o tédio, que o fazem se ocupar ainda mais ou, dependendo das circunstâncias, identificar novos modos de ser, novas possibilidades (Casanova, 2021b; Mattar, 2020; Cerbone, 2012; Borges-Duarte, 2006).

Considerando essas prerrogativas, pode-se supor que o mundo fático sofreu um impacto em sua cotidianidade mediana, com o advento da pandemia de COVID-19. A COVID-19 se caracteriza por uma infecção com sintomas gripais, com insuficiência respiratória em seu estágio mais grave, por um tipo de vírus denominado coronavírus (SARS-CoV-2), que tem um alto poder de contágio e uma taxa de letalidade significativa, de evolução rápida e preocupante (WHO, 2020a). Por ter se espalhado muito rapidamente por diversos países, com muitas mortes, e ter chegado ao Brasil, muitos governantes brasileiros decidiram conter o avanço da pandemia com diversas medidas de proteção tais como: o incentivo do uso de máscaras, a lavagem constante de mãos e o uso do álcool gel, bem como o isolamento social e o distanciamento social por tempo indeterminado como recomendado pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 2020a; Rafael et al., 2020).

Diante dessa nova circunstância acarretada pelo mundo fático, é de se esperar que houvesse significativa afetação no existente e impactos em seus modos de se ocupar, se preocupar e experimentar as possibilidades ou as restrições que a pandemia lhes impôs.

É nesse contexto que se considerou a importância de acolher as histórias, as vivências e as experiências das pessoas nesse período de isolamento e distanciamento social, bem como ponderar sobre as consequências de uma política governamental que tende a trazer ainda mais sofrimentos e desigualdades (Quadros, Cunha & Uziel, 2020). Assim, esse estudo se justifica pela necessidade de compreender as experiências das pessoas diante dessa situação de pandemia e isolamento social durante o ano de 2020, período em que a pandemia foi decretada no Brasil.

Para Dutra (2002), “a experiência sempre nos remete àquilo que foi aprendido, experimentado, ou seja,



àquilo que em algum momento, foi vivido pelo indivíduo” (Dutra, 2002, p.372). Assim, para compreender como as pessoas vivenciaram o contexto de pandemia, no ano de 2020, fez-se necessário ouvir suas experiências, compreendê-las sob seu próprio ponto de vista.

Compreender essas experiências pode ampliar o conhecimento sobre os impactos da pandemia na saúde mental, contribuir para o direcionamento de políticas de saúde e também para a atuação do psicólogo nesse contexto. No caso mais específico das questões de gênero, que também têm sido impactadas com a pandemia e contribuído para os agravos em saúde mental, as experiências de pessoas sobre sua *com-vivência* com parceiros e parceiras também podem contribuir para colocar em evidência a dimensão do gênero, pouco estudada até o momento. (Faro et al, 2020). Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é compreender a experiência do existente em relação à pandemia de coronavírus durante o ano de 2020 numa perspectiva fenomenológica-existencial. Mais especificamente, delinear as mudanças no cotidiano vivenciadas pelo Dasein, bem como apontar as implicações dessas mudanças nas parcerias afetivas.

Procedimentos Metodológicos

Essa pesquisa é de cunho qualitativo com um caráter exploratório-descritivo. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Facisa/CEP/Facisa/UFRN sob o Parecer 4.622.247.

Para a constituição dos participantes da pesquisa, um link de um formulário do *Google Forms* foi repassado através de diversos grupos de *WhatsApp* de maneira a atingir o maior número de pessoas, com características diversas, em vários lugares do país. Esse formulário continha o texto do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a solicitação dos dados sócio-demográficos (idade, sexo, escolaridade, e se tem ou teve algum problema de saúde mental durante a pandemia em 2020) e a seguinte questão: “você gostaria de compartilhar sua experiência pessoal durante a pandemia no ano de 2020?”. As pessoas que responderam “sim” foram contatadas individualmente pelos pesquisadores através do e-mail e marcada uma entrevista em profundidade através do *Google Meet*.

Depois de constatar que o/a participante tinha lido o TCLE e de ter sido autorizada a gravação (gravou-se a entrevista através do próprio *Google Meet*), foi realizada a pergunta disparadora: como foi sua experiência pessoal no ano de 2020 em relação à pandemia de coronavírus? A entrevista foi conduzida pela coordenadora do estudo, de forma síncrona, e teve a média de uma hora de duração.

Como critérios de inclusão, bastava morar no Brasil e ter acima de 18 anos; mas, para ser convidado/a para a entrevista, a pessoa precisava ter respondido “sim” à pergunta sobre querer conceder a entrevista. Sendo assim, das 64 pessoas que responderam ao formulário, entre fevereiro e abril de 2021, 12 se dispuseram a conceder a entrevista. As entrevistas foram realizadas entre maio e setembro/2021 e foram analisadas a partir da técnica de análise do discurso proposta por Locke (2004). Nesse percurso, 1) as entrevistas foram transcritas e lidas até imersão nos discursos; 2) foram identificados os temas e as falas que respondiam os objetivos da pesquisa e, 3) foi desenvolvido um mapa de construções discursivas com o objetivo de identificar aqueles que mais se destacaram nos discursos dos participantes, além de identificar as afetações entre pesquisador e participante. A partir da identificação dos temas, foi possível compreender os sentidos construídos naquele momento e desenvolver um diálogo com a literatura sobre a temática. Esse diálogo foi construído a partir de uma leitura fenomenológica-existencial com inspiração nas principais ideias de Martin Heidegger.

Perfil dos Entrevistados

As entrevistas foram realizadas com 12 participantes de ambos os sexos, com idades entre 20 e 54 anos, das quais 9 eram do sexo feminino e 3, do sexo masculino. Para manter o sigilo dos/as participantes, foram usados nomes fictícios por ocasião da apresentação de trechos das entrevistas. Com relação ao estado civil, foi verificado o predomínio de pessoas que estão em algum tipo de relacionamento, sendo 6 pessoas casadas ou que moram com seus companheiros e 2 pessoas que namoram, além de 4 pessoas solteiras, sem parcerias.

Em relação à escolaridade, o nível superior completo apresentou a maior frequência, com 10 pessoas, enquanto que 2 afirmaram ter o nível superior incompleto. É possível perceber que os participantes deste estudo possuem um alto nível de instrução. Com relação às suas ocupações, 10 pessoas exercem atividades formais de trabalho, enquanto 2 informaram ser estudantes.

Quanto à renda familiar, apenas 2 pessoas informaram diretamente suas rendas, sendo entre 8 e 11 salários mínimos. No entanto, é possível observar que dos outros participantes que não informaram suas rendas, 8 estão empregados e são independentes financeiramente e apenas 2 pessoas afirmaram ser dependentes financeiramente dos pais ou outros familiares.

Análise e Discussão dos Resultados - A Experiência Pandêmica em 2020

Os/as participantes da presente pesquisa concederam as entrevistas em 2021, com referência ao ano de 2020, ou seja, quase um ano já havia se passado dessa experiência pandêmica. Presume-se que, ao falar do passado, no presente, algumas experiências do cotidiano, talvez consideradas ordinárias pelos participantes, podem ter sido suprimidas nas entrevistas ou resignificadas. Como comentam Gajanigo e Souza (2021),



O evento-histórico da pandemia está presente e conecta-se às experiências de cada autor-protagonista tanto no agora como também nas reminiscências, acionando lembranças de experiências distantes, mas que se misturam aos sentimentos do presente imediato. (p.50).

Dessa maneira, a vivência no período pandêmico em 2020 foi considerada pelos/as participantes como uma situação que interrompeu bruscamente a cotidianidade mediana e que trouxe à tona certa frustração e senso de desorganização:

Pra mim, assim, realmente foi bem frustrante 2020 porque foi totalmente o contrário do que eu esperava em relação a isso (Karla - 20 anos);

Desde a pandemia, eu já estava nesse trabalho, só que, muitas coisas, mudou no trabalho; que antes a gente fazia um trabalho em grupo, fazia uma coisa e... bem integrada. E aí, de repente, isso acabou, assim, ficou muito... a gente ficou perdido, na verdade (Alicia - 32 anos);

E aí, esse período que ficou tudo aberto para mim foi bem complicado porque... eu meio que senti que as coisas estavam indo ladeira abaixo (Olavo - 26 anos).

Essa ruptura nas expectativas e naquilo que havia sido planejado para 2020 aproxima o existente de sua finitude e aponta o caráter transitório da existência como já bem explicado por Casanova (2021b). Em outras palavras: “E a vida tem esta habilidade: de mostrar que o impensável e o improvável acontecem e que nossos horizontes de ação podem ser limitados” (Guizzo, Marcello & Müller, 2020, p.05).

Apesar das dificuldades do período pandêmico, alguns entrevistados afirmaram que as condições impostas pela pandemia proporcionaram experiências que contrastaram, de alguma maneira, com as dificuldades trazidas pelo momento atípico que o mundo estava enfrentando. Devido às medidas de isolamento, essas pessoas se viram obrigadas a passar mais tempo dentro de casa e, conseqüentemente, mais tempo de convivência com seus familiares. Nesse sentido, esses participantes relataram a experiência de interiorização, voltando o cuidado para si próprio ou para as pessoas com que conviveram durante o distanciamento social:

[...] mas foi um longo processo de consciência, né? De que isso acontece, eu tive esse processo. Mas, me pergunto sempre, né? Que aquela mulher que fazia filosofia, que estudava tanto, que tinha uma certa autonomia e aí engravidou, teve uma filha e passou por processos, né? Entendeu? Como eu era alienada disso, então eu acho que na pandemia, foi um momento de muita consciência pra mim, eu trabalhava entendendo da necessidade daquele trabalho também. (Luiza - 39 anos);

[...] mas, a gente ficou próximo, a gente, é... procurava, assim, fazer coisas juntos, é... ele é muito ligado ao esporte, então fazia exercício em casa. Mas, a gente ficou bem próximo. (Alicia - 32 anos).

Essas experiências foram consideradas como positivas em algumas situações:

[...] de início foi um período que, ao mesmo tempo, foi ruim, ao mesmo tempo foi muito bom. Porque eu tirei esse espaço realmente pra, digamos, me conhecer. Foi um momento que, assim, eu nunca tinha parado realmente 6 meses pra parar e ficar, sei lá, no meu quarto, porque eu não podia sair, não poder fazer nada além do que estava na minha casa, né? [...] Então o que que aconteceu? Esse período de, de parar e passar realmente, acho que, não sei, foi 6 meses, né, que a gente parou sem fazer as atividades, a gente passou 6 meses, foi um momento, assim, que realmente eu parei e, e me descobri. (Karla - 20 anos);

[...] de uma forma geral, eu consegui me adaptar mais porque eu fui me reconectando com a minha casa, que é uma coisa que eu sentia muito falta, né, de ter um espaço dentro de casa, de, de e não conseguir, conseguir usufruí-lo. E eu acho que isso, em contrapartida, né, a pandemia trouxe muitas coisas ruins, obviamente, mas em contrapartida, isso foi uma coisa que eu vejo como positiva. Eu consegui me reconectar com a minha casa, né, com as minhas coisas. (Roberto - 44 anos)

Como se pode perceber nas falas de Karla e Roberto, a forma de experienciar o mundo foi significativamente alterada pela pandemia no sentido de proporcionar um “encontro” consigo mesmas. Como se, ao parar de “correr” no dia a dia, ao ter diminuída as inúmeras ocupações diárias, algumas pessoas puderam olhar mais e, quiçá, melhor, para sua existência.

Para Heidegger (2005), o mundo, além de ser o contexto em que está sempre lançado o ser-aí, inclui também os entes que vêm ao encontro do ser-aí e que, muitas vezes, possibilitam sua ocupação. Neste sentido, a ocupação com os utensílios do cotidiano ganhou novos significados e passou a ser questionada pelos entrevistados, que perceberam mudanças na forma de experienciar suas rotinas e os entes que os cercavam dentro de casa. Como também trazido pela entrevistada Mônica (46 anos): *[...] eu passei um período curtindo, assim, sabe? [...] essa vida de curtir a família, assistir filme, assistir série, essa readaptação.*

Heidegger (2005) usa o termo *Sorge* para designar a preocupação, que é a relação do Dasein com os outros entes que possuem existência, ou seja, os outros ser-aí. No entanto, o termo *Sorge* pode também ser traduzido com ‘cuidado’. Dessa forma, os trechos das falas de Luiza e Alicia demonstram que a retirada repentina



de seus cotidianos os levou a experimentar uma maior relação de cuidado/preocupação com o outro e consigo mesmos, ao mesmo tempo que refletiam sobre a própria experiência de ser-no-mundo. Pois,

(...) na base desse ser-no-mundo *determinado pelo com*, o mundo é sempre o mundo compartilhado com os outros. O mundo do *dasein* é *mundo compartilhado*. O ser-em é *ser-com* os outros. O ser-em-si intramundano destes outros é *co-pre-sença*" (Heidegger, 2005, p.170).

Apesar das dificuldades deste período, metade dos entrevistados demonstrou uma atitude de resiliência diante das novas condições e dificuldades trazidas pela pandemia. A experiência de introspecção (e, conseqüentemente, de cuidado), advinda da preocupação com os entes e com seu ser-com-o-outro, bem como a atitude de aceitação das novas condições impostas pelo isolamento social, podem ser consideradas como importantes fatores para a aparição do fenômeno resiliência na narrativa de alguns entrevistados e para a ressignificação deste momento crítico. Isto aparece na fala de Mônica:

"Tive momentos difíceis, não vou dizer que não, mas eu criei uma resiliência e essa resiliência, eu já venho criando há muito tempo por trabalhar em cuidados paliativos e aceitar a morte, de aceitar o sofrimento." (Mônica - 46 anos).

Pode-se perceber que os participantes da presente pesquisa, apesar de terem considerado um período difícil, ainda assim puderam ter experiências de reflexão e conexão com suas moradas, com sua família, consigo mesmos. Esse achado evidencia ainda mais as iniquidades e como estas se adensaram nesse momento de pandemia, pois nem todas as pessoas puderam ter essas experiências de amadurecimento e de cuidado consigo e com os outros.

No estudo de Vieira, Anido e Calife (2022), por exemplo, constata-se a periferização da pandemia em São Paulo, ou seja, os impactos da pandemia foram piores no grupo populacional mais pobre. Os autores identificaram também uma desigualdade com relação às profissionais de saúde mulheres, que são maioria em muitos serviços de saúde. Nesse estudo, muitas mulheres se sentiam cansadas e sobrecarregadas com o trabalho, com as atividades domésticas não divididas com outras pessoas, além do cuidado com as crianças.

Já Silva e Belmont (2021), em estudo realizado na periferia fluminense, constataram ainda maior precariedade na vida e na existência entre os moradores durante o período de pandemia: problemas como desnutrição e falta de lazer entre as crianças, insegurança em relação à aposentadoria e a constatação de que "esta população que sobra, que só importa à cidade como mão de obra pouco qualificada, mantém seu corpo em confinamento, não em quarentena". (Silva & Belmont, 2021, p.511). Assim, como já esperado, o período de pandemia parece ter sido experienciado de forma diferente pelas pessoas em função também do nível social, econômico e educativo.

Uma das principais mudanças vivenciadas durante o período de pandemia foi a readequação dos processos de trabalho ao formato remoto, *on-line* ou teletrabalho. Estudantes, professores, alguns profissionais liberais, entre outros, foram alguns dos que tiveram que modificar seus espaços, dispositivos e acesso à internet para poder acessar as atividades remotamente.

Assim, houve participantes que sentiram diversas dificuldades em relação à adaptação ao contexto remoto. Nas falas de Luiza e Soraia é possível perceber algumas dessas dificuldades voltadas à adaptação ao ensino remoto:

[...] eu entendi que eu ia ter que participar da aula remota, porque inicialmente eu faltei na aula remota, aquilo foi muito difícil, essa tela foi muito difícil pra mim. Então eu nem entrei na aula, eu acho que eu fiquei umas 3 semanas pra começar, né? [...] E quando isso aconteceu, eu ficava na aula, e tinha toda a demanda da casa, e falava assim: "então, dá pra ter aula e fazer a comida? Dá, mas é muito mais cansativo." Então toda a minha tarefa doméstica começou a ficar junto com uma aula, zumbido no ouvido [...] eu não conseguia abrir a câmera na aula, eu realmente, no começo, e os professores começaram a pedir, eu sou professora também eu comecei a me consolidar, assim, de falar: "poxa, deve tá sendo difícil pros professores, então vou abrir umas câmeras", aí virou exaustivo. (Luiza - 39 anos);

[...] acho que foi... segundo semestre, acho que já, de... de ensino remoto; eu passei por dificuldades de instrumento mesmo, de... de computador e celular. Aconteceu tudo, assim, na mesma hora, quebrou meu computador, meu celular e aí tinha... meu pai tinha começado a fazer uma reforma em casa, eu tinha ficado sem lugar pra estudar também. (Soraia - 22 anos).

Santos (2021) aponta que o caráter emergencial do modelo remoto de ensino, levou a um contexto improvisado e ao uso não planejado dos recursos *on-line*, desprezando aspectos importantes da realidade dos estudantes, além de aspectos pedagógicos. Foi a esse contexto que as participantes citadas se viram obrigadas a se adaptar. Na narrativa de Luiza, por exemplo, aparece uma certa resistência às aulas remotas, além da sobrecarga e da dificuldade em conciliar a rotina de estudo com as tarefas domésticas, reforçando o que foi apontado anteriormente por Vieira, Anido e Calife (2022) sobre a situação das mulheres na pandemia. Já no caso de



Soraia, é possível perceber dificuldades em relação à falta de instrumentalização para o acesso ao ensino remoto e a falta de um ambiente adequado para estudo. Ficou evidente que alguns participantes tiveram algum grau de dificuldade com o advento repentino do trabalho remoto, mas muito mais relacionada à mudança do que propriamente às privações materiais, tais como a falta de acesso aos recursos tecnológicos e Internet.

Essa situação foi bem diferente para outras pessoas, como bem aponta Alves (2020), que criticou a proposta de ensino da rede pública da Bahia durante a pandemia. O autor considerou que essas adaptações emergenciais no modo de ensinar são um grande equívoco, uma vez que ignoram as particularidades de estudantes vindos de classes sociais mais baixas e que, geralmente, não têm acesso às tecnologias ou vivem em casas com pequenos espaços. No estudo de Paixão et al., (2022) se observa justamente uma dificuldade maior de adaptação ao ensino remoto entre os estudantes de baixa renda e mais sintomas de depressão e ansiedade neste grupo.

A pandemia transformou também a forma de se relacionar com o trabalho. Assim como o ensino remoto, o teletrabalho, *home office*, se tornou uma urgência para todas as empresas, deixando de ser uma exceção e virando regra (Losekann & Mourão, 2020). Com essa situação surgiram diversos desafios para os trabalhadores, “como a necessidade do rápido aprendizado de novas tecnologias, o estabelecimento de novas formas de interação e comunicação entre as equipes. Suas vidas familiares tiveram de ser conciliadas com o trabalho.” (Losekann & Mourão, 2020, p.3). Algumas falas dos participantes coincidem com esta afirmação, sendo exemplos das dificuldades vivenciadas pelos trabalhadores:

[...] E aí quando começou o trabalho remoto propriamente dito, a partir de agosto/setembro... Poxa! imagina aí! Você tá trabalhando aqui...: “ah! vou, vou encerrar meu expediente”. Encerrado o expediente, eu saía do quarto, tava dentro de casa, então eu não tinha aquele trânsito de sair do trabalho, se você... passar aquele tempo de locomoção, não, eu encerrava o trabalho, mas eu estava dentro de onde eu trabalhava, isso era muito, é muito horrível [...] (Frederico - 46 anos);

[...] Então 2020, é, ter pego a pandemia nessa conformação foi massacrante, né, porque, é... até então, em 2019, antes da pandemia, eu deixava o meu trabalho lá. Eu tinha toda uma, uma conformação mental, né, de deixar os problemas no lugar lá, na estrutura física de lá, e com a pandemia, eu trouxe toda essa carga para dentro da minha casa, porque eu não deixei de ter as minhas metas, as minhas metas continuam as mesmas; mas o meu horário ficou totalmente bagunçado. [...] (Mônica - 46 anos).

As falas de Frederico e Mônica demonstram uma experiência peculiar da espacialização que, durante a pandemia, sobrepõe, de maneira abrupta, espaços antes diferenciados e delimitados como o da casa e o do trabalho. Como explica Casanova (2021b), com base no pensamento heideggeriano, o espaço não é só o lugar físico que os existentes transitam, mas todo o rol de sentidos e significados, bem como toda a utilidade presente que caracteriza esse lugar e que convoca o ser-aí às atitudes correspondentes. Como exemplo, a sensação de Frederico e Mônica de que para sair do trabalho, é preciso, literalmente, sair desse espaço em que é convocado ao trabalho.

O tempo também é outro aspecto trazido por Heidegger (2015) e abordado por Casanova (2021b). O conceito de temporalidade na análise heideggeriana é entendido como transitoriedade; algo que está sempre passando e que está diretamente relacionado com a finitude humana (Ser-para-a-morte), opondo-se ao conceito tradicional como apenas uma medida mensurável (Heidegger, 2005). No espaço do trabalho há um tempo quantitativo esperado para ser realizada a atividade planejada, no entanto, ao ficar em casa trabalhando, o existente não delimita tanto esse tempo de maneira a ter essa sensação de que está trabalhando mais, ou como diz Mônica, a sensação de ter seus horários totalmente bagunçados. O *Dasein*, por não ter nenhum tipo de determinação prévia, absorve o modo de organização previamente dado na cotidianidade mediana. Nesse sentido, o tempo, no mundo fático, é organizado em horários, rotinas e tarefas. Trabalhar em casa, nesse contexto, parece ter trazido um senso de desorganização e de que as atividades domésticas, laborais e familiares estariam se sobrepondo, requisitando aos existentes uma nova maneira de organizar seu cotidiano. A pandemia mudou repentinamente a forma de experienciar o ser-aluno e o ser-trabalhador, antes percebidos como modos de ser familiares e determinados.

Outro aspecto que contribuiu para uma certa experiência de desorganização foi a crise financeira, como é possível perceber na fala de Roberto (44 anos):

[...] Então, ano passado meu salário caiu drasticamente, né, apesar do trabalho ter aumentado, o salário baixou e a demanda pra manter aquele salário de trabalho aumentou; o salário diminuiu, mas a demanda de trabalho aumentou, né? Pra você, pra, pra você tentar conseguir manter aquilo que você tinha. E também, né? os casos, é... dentro da família, meu irmão tava desempregado, meu irmão tá desempregado, a minha irmã também tá desempregada, então aquele, aquele sentimento de que, sabe? “Meu Deus, o que é que vai ser?”.

O contexto político do país foi pontuado na fala de alguns entrevistados como mais um fator que afetou a experiência nesse momento. Como se vê na fala abaixo:



E a situação política... A situação me estressa também, muito. Porque você se sente muito pouco amparado por esse estado, né? Eu tô muito, é como se eu fosse apátrida, sei lá! Sabe? É como se não tivesse mais vínculo com o Brasil, como se eu tivesse perdido essa identidade política, né? De algum modo, também, né? Se tá num lugar que te oprime, numa situação de pandemia, que te oprime e isso também gera uma dor. (Luiza - 39 anos).

As mudanças repentinas no mundo cotidiano, ou fático, causadas pela pandemia, contribuíram para a ruptura da familiaridade e da aparente estabilidade do mundo dessas pessoas. De repente, tudo o que era conhecido foi ameaçado e, junto a isto, uma evidênciação mais contundente da inospitalidade do mundo. A pandemia obrigou as pessoas a deixarem de viver no modo de ser do “a-gente” e a vivenciar um modo próprio de ser, agora desvelado, pela retirada do cotidiano do Ser-trabalhador e experimentado através da angústia.

Essa ruptura na aparente estabilidade do cotidiano, bem como as inúmeras demandas que surgiram no horizonte histórico, tais como a sobrecarga de atividades, os conflitos familiares, o distanciamento social, a necessidade de reorganização da rotina, entre outros pode ter contribuído para um significativo aumento de problemas de saúde mental. Alguns participantes, por exemplo, afirmaram ter sentido muito medo durante o período pandêmico. Seja o medo de se contaminar ou de contaminar alguém próximo, ou, ainda, de morrer.

[...] Fora toda a, a situação de pandemia, assim, de que envolveu preocupação, é... com, com questão de infecção, de alguém próximo se infectar, é... morrer por isso. Eu, eu realmente tinha uma preocupação muito grande em relação a isso, hã, até hoje tenho, assim né? É... muitos cuidados.” (Antônia - 30 anos);

[...] e eu ficava, assim, pensando, muito aquele pensamento ruminativo mesmo, muito triste, pensando: ‘ah, e se morrer?’ Eu ficava, é..., super dimensionam das coisas, né: “ai, é, não vou suportar essa perda agora, outra perda, não sei o que, tô perdendo tanta coisa” e eu comecei a super cuidar e aí comecei a esquecer de mim, cuidar de mim também, me alimentar direito, né, me hidratar que eu tava até sem beber água, assim.” (Soraia - 22 anos).

Além do sentimento de medo, os/as participantes afirmaram ter percebido sintomas de ansiedade durante o período de 2020.

“É... que gerava uma certa ansiedade também, né? É uma forma de ansiedade, aí eu tento tirar esse pensamento, mas é um pensamento que, às vezes, fica quase obsessivo em mim: ‘ai, meu Deus e se acontecer alguma coisa e se isso e se aquilo” (Luiza - 39 anos);

“É... eu acho que talvez uma ansiedade, algum, né, nesse sentido de preocupação, eu fiquei bem preocupada mesmo.” (Alicia - 32 anos).

Algumas pessoas afirmaram, ainda, terem percebido sentimentos de tristeza:

“Chegou uma hora que... veio aquele peso, sabe? aquela onda mesmo de tristeza por todo esse luto.” (Olavo - 26 anos).

No estudo de Barros et al. (2022), 40,4% dos 45.161 dos brasileiros participantes, se sentiram frequentemente tristes ou deprimidos, e 52,6% frequentemente ansiosos ou nervosos durante a pandemia de COVID-19. Desses, 43,5% comentaram sobre problemas de sono, e 48,0% tiveram agravado seu problema de sono existente antes da pandemia. Nesse estudo, a tristeza, o nervosismo e as alterações do sono se mostraram mais evidentes entre adultos jovens, mulheres e pessoas com antecedente de depressão.

Embora muitos participantes tenham relatado o aparecimento de alguns sintomas psicológicos (ansiedade, tristeza) durante o período pandêmico, alguns afirmaram encontrar algum tipo de estratégia para lidar com esses sintomas: psicoterapia, meditação, atividade física.

Considerando a ideia de corporalidade (Casanova, 2021b), o corpo do existente perpassa pelo corporar e esse corporar está perpassado pelo mundo histórico, pela temporalidade e pelas sedimentações fáticas. “Nossos corpos são expressão de nosso mundo; seja por conta de seu caráter mais ou menos tensionado, seja por conta de seus ritmos corporais comuns” (Casanova, 2021b, p.100). Nesse sentido, as experiências dos entrevistados em relação a sintomas de depressão e ansiedade podem ser consideradas como o corporar mediante as incertezas e os medos vivenciados durante o período de pandemia. Também se pode pensar em sintomas que fazem parte do mundo histórico, que são amplamente divulgados e absorvidos no mundo fático e que todos parecem experienciar em algum momento.

As estratégias encontradas para alívio dos sintomas e sensações psicológicas podem ser consideradas como tranquilizadoras na medida em que fazem parte do mundo da técnica e contribuem, de alguma forma, para essa impressão de controle e organização da rotina. Foi nítida a quantidade de publicações nas redes sociais com sugestões de programas e atividades para se fazer dentro de casa durante o período de isolamento. Contudo, no presente estudo, ficou mais evidenciada a preocupação com a reorganização do trabalho e a manutenção da condição financeira.

Em relação à experiência das pessoas sobre a vivência da afetividade, das relações amorosas e da se-



xualidade durante o período de pandemia, observou-se que uma parte dos entrevistados conseguiu manter a estabilidade de suas relações, sejam amorosas ou de amizade. As ferramentas de comunicação ajudaram a manter essas relações.

“Ótimo, melhor ainda. A gente se dá muito bem, né, é isso que eu falo, eu acho que a pandemia, ela não, ela não... não... é... trouxe mudanças, ela só amplificou o que já era.” (Mônica - 46 anos);
[...] Muda, muda porque você passa a ficar muito mais tempo junto, né? Antes disso, sai pra trabalhar de manhã, volta de noite, sai pr’um lado ou pro outro, se encontra de noite e agora não, agora foi muito tempo junto, mas foi bem legal, foi mais, mais fácil do que eu imaginei que um dia pudesse ser, sabe? É... eu até digo, assim: “não, se a gente consegue ficar tanto tempo junto em harmonia, assim, e paz é porque o negócio é legal mesmo”, assim porque, é... eu não tive problemas, eu posso lhe dizer que eu não tive grandes dificuldades, não tive dificuldade nenhuma em relação a essa convivência. (Joana - 54 anos).

No entanto, outra parte afirmou que passou por crises no relacionamento, por conflitos familiares e até rompimentos:

[...] E a gente tava namorando on-line e ficava: “nossa, mas isso é muito chato não [RISOS], não vejo sentido” e aí ele falava assim: “não, mas o sentimento ainda é o mesmo, né?”, aí eu ficava: “não, acho que é diferente, acho que on-line não é a mesma coisa”. E eu lembro da, da, se ter uma... uma conversa, assim, bem séria de, de “poxa, não sei tá dando certo isso on-line, não” (Soraia - 22 anos);
[...] Tive muitas crises, assim, na, no, no casamento, na relação por conta disso; acho importante trazer isso durante o ano de 2020; eu quase me separei (Luiza - 39 anos).
[...] a questão da pandemia, eu acho que agravou só, sabe? [...] Porque eu fiquei em casa, eu antes saía, ela saía também várias vezes para resolver alguma coisa, então. Nós passamos a conviver mais dentro, assim, mais, é... todo momento, enfrentando mais coisas, tendo uns momentos mais, mais próximos nesse sentido. E eu acho que isso contribuiu muito também pra que as coisas, talvez se a gente tivesse num momento bom, enfrentando a pandemia talvez não tivesse tido esse, esse desenrolar, né, mas, mas eu acho que a questão da pandemia ter forçado a gente ter ficado, vivenciar coisas, é... coisas novas num momento difícil. Eu acho que aí, aí ela teve um, um impacto muito forte nisso aí, no fim do, desse relacionamento. (Frederico - 46 anos)

A falta de convivência (quando o casal precisou ficar em distanciamento social), bem como o excesso de convivência (quando o casal ou a família ficaram um tempo significativo dentro de casa) foi um diferencial nessas relações, facilitando ou dificultando a convivência afetiva:

“E eu ponderei pra ele (o marido) bastante, assim: “olha, isso não tem condições pra mim. É... ou”. É... porque aí existia um certo abuso nessa situação em que ele me colocava, assim: “ah, é...”. Quase me obrigava a estar com pessoas, quando eu queria estar isolada. Foi um outro, uma outra situação, né? É... então foram várias formas de me impor, que foram necessárias, além dessa situação que a gente teve, monetária, eu tive esse processo” (Luiza - 39 anos);
“Eu tinha um relacionamento em 2019. E aí, ele chegou ao fim em 2020, também por causa da pandemia. É... nós éramos de cidade separ... é... distantes. E aí, a gente pensou: “olha, é... não vai dar pra ficar viajando de um canto pro outro enquanto tá o vírus aí”. E também aqui houveram medidas restritivas, é... barreiras sanitárias pra entrar na cidade, é... as rodoviárias foram fechadas, ônibus parou. Então, é... a gente colocou, é... no papel, a gente sentou e conversou: “olha não vai, não vai dar pra gente continuar e também não... a gente não sabe até onde é que, que isso vai ser, que essa situação vai ficar. Então aí, a gente preferiu terminar. Já era um relacionamento de 2 anos.” (Olavo - 26 anos).

Cada experiência teve a sua singularidade, contudo, o que houve em comum entre os participantes foi a afetação da experiência da pandemia em seus relacionamentos, gerando algumas mudanças significativas em algumas relações. Percebe-se aí o caráter de cuidado de cada existente para a manutenção e fortalecimento do vínculo ou pela decisão do término.

Considerações Finais

O objetivo da presente pesquisa foi compreender a experiência dos existentes durante a pandemia de COVID-19 numa perspectiva fenomenológica-existencial de base heideggeriana. Em geral, houve um forte impacto no cotidiano de cada participante com o advento da pandemia e das consequentes alterações na rotina de cada um, assim como deve ter acontecido com inúmeras pessoas. Especificamente, nessa pesquisa, a necessidade de reorganizar a rotina de trabalho e estudos foi um dos aspectos mais comentados pelos participantes. O fato de terem uma condição financeira melhor contribuiu para uma vivência de aproximação maior com membros da família e/ou com necessidades pessoais, como o autoconhecimento, por exemplo. Nesse sentido, alguns participantes apontaram que durante algum tempo da pandemia tiveram a oportunidade de



refletir sobre aspectos de sua existência que pode ter contribuído para mudanças em seus modos de se ocupar e de se preocupar consigo e com os outros.

Ficou evidente também a dificuldade com o trabalho remoto em função do excessivo uso de telas e da linha tênue entre casa e trabalho, pois alguns participantes sofreram com a “invasão” do mundo do trabalho em suas casas. Alguns participantes referiram terem tido sintomas de ansiedade e/ou tristeza o que foi reportado por vários estudos sobre o tema da pandemia.

Em relação às parcerias afetivas, alguns participantes reportaram maior aproximação com o/a companheiro/a durante o período de isolamento social. No entanto, outros terminaram os relacionamentos, sobretudo porque a maior proximidade deixou em evidência conflitos e divergências da parceria. O aspecto financeiro e a sobrecarga com as atividades domésticas foram apontados como uma das maiores dificuldades enfrentadas por esses/as participantes.

A compreensão fenomenológica-existencial da experiência pandêmica de 2020 aponta para existências afetadas em sua cotidianidade, espacialidade e temporalidade, bem como em sua corporalidade. Essas afetações se expressaram sob a forma de algumas reflexões sobre a nova rotina, através de angústias e medos que precisaram ser manejados de maneira muito restrita dentro do horizonte histórico do momento e tomadas de decisões sobre o novo modo de se ocupar e de se preocupar no cotidiano. Conclui-se que, apesar das dificuldades enfrentadas, os participantes conseguiram reorganizar sua rotina diante das circunstâncias do mundo fático se ocupando com o trabalho e com os aspectos materiais da existência.

Referências

- Alves, L. (2020). Educação Remota: entre a ilusão e a realidade. *Educação*, 8(3), 348–365. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365>.
- Barros, M. B. de A., Lima, M. G., Malta, D. C., Szwarcwald, C. L., Azevedo, R. C. S. de, Romero, D., Souza Júnior, P. R. B. de, Azevedo, L. O., Machado, Í. E., Damascena, G. N., Gomes, C. S., Werneck, A. de O., Silva, D. R. P. da, Pina, M. de F. de, & Gracie, R. (2020). Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(4), 01-12. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1679-49742020000400018>.
- Cabral, A. M. (2021). *Compaixão e Revolta*. Rio de Janeiro, RJ: Via Verita.
- Casanova, M. (2021a). *Tédio e tempo – sobre uma tonalidade afetiva fundamental fática de nosso filosofar atual*. Rio de Janeiro, RJ: Via Verita.
- Casanova, M. (2021b). *Existência e transitoriedade: gênese, compreensão e terapia dos transtornos existenciais*. Rio de Janeiro, RJ: Via Verita.
- Cerbone, D. R. (2012). *Fenomenologia* (C. Souza, Trad.) Petrópolis, RJ: Editora Vozes. (Trabalho original publicado em 2006).
- Dartigues, A. (2008). *O que é a fenomenologia?* (M. J. J. G. Almeida, Trad.) São Paulo, SP: Centauro Editora. (Trabalho original publicado em 1972).
- Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Natal)* [Online], 7(2), 371-378. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200018&lng=en&nrm=iso.
- Faro, A. et al. (2020). COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia (Campinas)* [On-line], 37, 01-14. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507&lng=pt&nrm=iso.
- Gajanigo, P., & Souza, R. (2021). A pandemia e o ordinário: apontamentos sobre a afinidade entre experiência pandêmica e registros cotidianos. *Sociedade e Estado*, 36(1), 37-60. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136010003>.
- Guizzo, B. S., Marcello, F. de A., & Müller, F. (2020). A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. *Educação e Pesquisa*, 46, 01-18. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202046238077>
- Heidegger, M. (2015). *Ser e Tempo*. 10ª. Ed. Petrópolis/RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Ed. Universitária São Francisco.
- Locke, T. (2004) *Critical discourse analysis*. London, UK: Continuum International Publishing Group.



- Losekann, G. C. B. R., R., & Mourão, H. C. (2020). Desafios do teletrabalho na pandemia covid-19: quando o home vira office. *Caderno De Administração*, 28, 71-75. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/cadadm.v28i0.53637>
- Mattar, C. (2020). *Depressão: doença ou fenômeno epocal?* Rio de Janeiro, RJ: Via Verita.
- Paixão, G. M. da, Seabra, A. D., Vieira, A. C. dos S., Gorla, J. A., & Cruz, D. C. da. (2022). Participação ocupacional, estresse, ansiedade e depressão em trabalhadores e estudantes de universidades brasileiras durante a pandemia de COVID-19. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30, 01-14. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910>
- Quadros, L. C. de T., Cunha, C. C. da, Uziel, A. P. (2020). Acolhimento psicológico e afeto em tempos de pandemia: práticas políticas de afirmação da vida. *Psicologia & Sociedade* [On-line], Belo Horizonte, 32, 01-15. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822020000100415&lng=en&nrm=iso.
- Rafael, R. M. R., Neto, M., Carvalho, M. M. B., David, H. M. S. L., Acioli, S. & Faria, M. G. A. (2020). Epidemiologia, políticas públicas e Covid-19. *Rev Enferm UERJ*, 28, 01-06. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2020.49570>
- Santos, W. J. B. dos. (2021). Um olhar sobre o ensino remoto na base da Scielo. 27 fl. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia). Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Centro de Educação e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité – Paraíba – Brasil.
- Silva, L., & Belmont, Y. (2021). “Na medida do impossível”: Covid-19 e o cotidiano em uma periferia fluminense. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 21(3), 501-511. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.3.40558>.
- Vieira, J., Anido, I., & Calife, K. (2022). Mulheres profissionais da saúde e as repercussões da pandemia da Covid-19: é mais difícil para elas? *Saúde em Debate*, 46(132), 47-62. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202213203>.
- World Health Organization (WHO) (2020). Coronavirus disease 2019 (Covid-19) Situation report 56. Geneve: WHO [Internet]. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200311-sitrep-51-covid-19.pdf>.

Recebido em 08.11.2022 – Primeira Decisão Editorial em 03.04.2023 – Aceito em 21.06.2023